

CAPÍTULO UM

A Véspera da Guerra

Ninguém teria acreditado, nos últimos anos do século dezanove, que este mundo estaria a ser atenta e estreitamente vigiado por seres dotados de uma inteligência mais vasta do que a do homem, e contudo tão mortais quanto ele; que, enquanto se entregavam às suas diversas ocupações, os seres humanos estariam a ser escrutinados e estudados, talvez de forma tão minuciosa como um homem provido de um microscópio poderá escrutinar as criaturas efémeras que abundam e se multiplicam numa gota de água. Com infinita complacência, os homens prosseguiram com o seu vaivém no globo terrestre, ocupados com os seus pequenos afazeres, serenos e convictos do seu domínio sobre toda a matéria. É possível que os infusórios façam o mesmo sob a lente do microscópio. Ninguém terá pensado em mundos mais remotos do espaço como uma potencial ameaça à espécie humana, ou, se esses mundos foram de todo considerados, tê-lo-ão sido no sentido de afastar de pronto a possibilidade de vida neles como algo impossível ou improvável. Torna-se curioso recordar alguns dos hábitos mentais desses dias de outrora. Quando muito, os habitantes da Terra imaginavam que pudessem existir outros homens em Marte, possivelmente inferiores e dispostos a acatar uma investida missionária. Contudo, algures no abismo do espaço, mentes que estão para as nossas mentes como estas estão para as das criaturas selvagens que degeneram, intelectos vastos, calculistas e insensíveis observavam atentamente o planeta Terra com olhos invejosos e, aos poucos, cada vez mais convictos, foram traçando os seus planos de ataque em nosso prejuízo. E, nos começos do século vinte, não tardou a chegar a grande decepção.

Não devo precisar de lembrar o leitor que o planeta Marte gira em torno do Sol a uma distância média de 140 000 000 de milhas, e que os níveis de luz e de calor que recebe do Sol mal chegam a metade dos recebidos neste mundo. Se a hipótese nebular é de facto credível, esse planeta deve ser mais remoto do que o nosso mundo; e muito antes deste deixar de ser uma massa em fusão, a vida na superfície de Marte teria já inaugurado o seu curso. O facto de este planeta alcançar cerca de um sétimo do volume da Terra deve ter contribuído para acelerar o seu processo de arrefecimento até atingir a temperatura necessária para o começo da vida. Tem ar, água e tudo quanto é necessário para a manutenção da existência animada.

Porém, tão presunçoso é o homem, e ao mesmo tempo tão cego na sua presunção, que nenhum escritor, pelo menos até finais do século dezanove, foi capaz de exprimir uma ideia que fosse no sentido de apontar para a existência de vida inteligente num lugar tão remoto como Marte, ou ponderar sequer a possibilidade de vida inteligente fora do domínio terrestre. Ao mesmo tempo, não foi sequer considerada a noção de que, sendo Marte um planeta mais antigo do que a nossa Terra, com cerca de um quarto da sua área superficial e mais distante ainda do Sol do que esta, necessariamente se conclui destes fatores que não só se encontra numa posição mais remota dos começos da vida como também mais próxima do seu fim.

O arrefecimento secular que um dia acabará por assolar o nosso planeta encontra-se já, sem dúvida, numa fase muito avançada no nosso planeta vizinho. As suas condições físicas constituem ainda, na sua maioria, um mistério, e contudo sabemos agora que, mesmo na sua região equatorial, a temperatura registada ao meio-dia mal se aproxima daquela alcançada no mais rigoroso dia de inverno na Terra. O ar nesse planeta é muito mais rarefeito do que no nosso, os seus oceanos foram-se reduzindo até passarem a cobrir somente um terço da sua superfície e, à medida que as estações se vão revezando a um ritmo lento, imensos cumes nevados vão-se fundindo entre si, derretendo depois em ambos os polos e inundando periodicamente as suas zonas temperadas. Esse último estado de exaustão, que para nós se mantém ainda a uma distância incrivelmente remota, tornou-se um problema atual para os habitantes de Marte. A pressão imediata da necessidade avivou os seus intelectos, engrandeceu as suas capaci-

dades e endureceu os seus corações. E com uma observação através do espaço, munidos de instrumentos e de inteligências tais que nunca teremos alguma vez considerado possíveis, essas criaturas são capazes de vislumbrar, a uma distância mínima de apenas 35 000 000 de milhas na direção do Sol, uma esperançosa estrela da manhã, o planeta que nos cabe, mais quente, verdejante de vegetação e coberto dos tons cinza dos seus oceanos, com uma atmosfera nebulosa e eloquente na sua fertilidade, por onde se podem vislumbrar, no meio dos seus transitórios tufos de nuvens de grandes dimensões, regiões densamente povoadas e mares pejados de navios.

E nós, homens, criaturas que habitam esta Terra, devemos ser para eles não menos alienígenas e pouco sofisticados do que os macacos e os lémures são para nós. O lado intelectual do homem reconhece enfim que a vida constitui uma luta incessante pela existência, e do mesmo modo nos poderá parecer que é também esta a crença dos habitantes de Marte. O processo de arrefecimento no seu mundo encontra-se já numa fase muito avançada, ao passo que a Terra se mantém repleta de vida, ainda que repleta também do que eles consideram animais inferiores. Levar a guerra na direção do Sol é, de facto, a sua única alternativa face à destruição que sobre eles vai recaindo, geração após geração.

E antes de tecermos juízos de valor demasiado severos acerca deles, devemos-nos lembrar que também a nossa espécie provocou a implacável e completa destruição não só de animais como o extinto bisão e o dodó, como também de raças inferiores. Apesar das suas semelhanças com os humanos, os tasmanianos foram inteiramente varridos da face da terra aquando de uma guerra exterminadora empreendida por imigrantes europeus durante um período de cinquenta anos. Seremos nós de facto apóstolos da misericórdia, a ponto de nos queixarmos no caso de os marcianos desencadearem uma guerra investidos de um espírito idêntico?

Os marcianos parecem ter calculado a sua invasão com uma subtilidade impressionante — os seus conhecimentos matemáticos excedem claramente os nossos — e levado a cabo os seus preparativos motivados por uma quase perfeita unanimidade. Se os nossos instrumentos o tivessem permitido, teria sido possível antever o problema progressivamente agravado num período muito anterior do século

dezanove. Indivíduos como Schiaparelli observavam o planeta vermelho — de um ponto de vista geral, é estranho pensar que durante muitos séculos Marte foi considerado a estrela da guerra — e contudo nunca foram capazes de interpretar os intermitentes surgimentos das marcas que chegaram a mapear com verdadeira precisão. Durante todo esse tempo, os marcianos teriam estado a preparar-se.

Durante a oposição de 1894, foi avistado um imenso clarão na parte iluminada do disco, primeiro do Observatório Lick, depois por Perrotin, em Nice, e posteriormente por outros observadores. Os leitores ingleses tomaram conhecimento do fenómeno primeiro através de uma edição da *Nature* datada do dia 2 de agosto. Sinto-me inclinado a acreditar que esta luz brilhante terá resultado da fundição do gigantesco canhão, localizado algures no vasto fosso escavado nesse planeta, que fazia disparar os seus projéteis na nossa direção. Marcas peculiares, até hoje por explicar, foram avistadas perto do local dessa erupção em particular, aquando das duas oposições subsequentes.

Faz agora seis anos que a grande tempestade eclodiu. Quando Marte se aproximava da oposição, Lavelle, de Java, deixou em polvorosa os entendidos em astronomia com a incrível notícia de uma imensa erupção de gás incandescente por todo o planeta. O fenómeno ocorrera perto da meia-noite do dia 12; e o espectroscópio, ao qual recorreu de pronto, detetou uma massa de gás flamejante, hidrogénio na sua quase totalidade, que se movia a uma velocidade espantosa na direção da Terra. Este jato de fogo tornara-se entretanto invisível, por volta da meia-noite e um quarto. Ele comparara-o a uma colossal coluna de chamas súbita e violentamente jorrada do planeta, “como se se tratasse de gases flamejantes disparados de uma arma”.

Esta frase acabou por revelar-se particularmente apropriada. Contudo, no dia seguinte nenhuma menção ao sucedido foi encontrada nos jornais, exceção feita a uma curta nota no *Daily Telegraph*, e assim o mundo permaneceu em completo desconhecimento de um dos mais sérios perigos que alguma vez terão ameaçado a raça humana. Pela parte que me toca, não teria ouvido falar da erupção em causa se não tivesse travado conhecimento com Ogilvy, o célebre astrónomo, em Ottershaw. Encontrara-o sobremaneira excitado com as notícias, e dado o entusiasmo que o invadia, acabou por convidar-me para partilhar com ele nessa noite a vigília atenta do planeta vermelho.

Apesar de tudo o que se passou desde então, recorde-me ainda com grande nitidez dessa vigília: o observatório sombrio e silencioso, a lanterna que, a um canto, no meio da obscuridade, projetava uma luminosidade débil no chão, o tiquetaque cadenciado do mecanismo de corda do telescópio, a pequena fenda no telhado — uma profundidade oblonga atravessada pela poeira estelar. Ogilvy caminhava de um lado para o outro, invisível aos meus olhos, ainda que audível. Através do telescópio, podia-se ver um círculo azul-escuro e o pequeno e redondo planeta a vogar no espaço. Dava a ideia de ser algo muito diminuto, ao mesmo tempo brilhante e estático, debilmente marcado com faixas transversais e ligeiramente achatado na sua forma totalmente redonda. Impressionava o seu tamanho exíguo, de uma tal polidez argêntea... Lembrava uma luminosa cabeça de alfinete! Era como se tremeluzisse, e contudo tal impressão era fruto das vibrações do telescópio que resultavam, por sua vez, da atividade do mecanismo de corda que fazia com que o planeta permanecesse no campo visual.

À medida que me entregava à sua observação, o planeta parecia tornar-se ora maior ora mais pequeno, enquanto se aproximava ou retrocedia, porém estes efeitos eram uma consequência do cansaço provocado na minha visão. Uma distância de quarenta milhões de milhas separava-nos daquele planeta — mais de quarenta milhões de milhas de vazio. São poucas as pessoas que se dão conta da imensidade do vácuo em que voga a poeira do universo material.

Recordo-me de identificar três vagos pontos de luz no espaço em redor desse planeta, três estrelas telescópicas infinitamente remotas, e a toda a volta encontrava-se a imperscrutável escuridão do espaço vazio. Sabe-se que aspeto tem esse negrume numa noite enregelada e iluminada pelas estrelas. Através de um telescópio, essa visão parece assomar com uma profundidade muito maior. Ao mesmo tempo, ia-se aproximando a Coisa que eles tinham arremessado na nossa direção, ainda tão remota e diminuta, e por isso invisível aos meus olhos, voando célere e a um ritmo constante, também apontada a mim, atravessando aquela incrível distância, aproximando-se cada vez mais numa proporção de muitos milhares de milhas por minuto, essa Coisa que acabaria por deflagrar tantas lutas, tanta calamidade e morte na Terra. Nunca me teria passado pela cabeça tal ideia aquan-